



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL

GRAZIELA MAIARA LUNKES

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM FILHOS DE DEUS, DE DINA
SALÚSTIO**

CERRO LARGO

2020

GRAZIELA MAIARA LUNKES

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM FILHOS DE DEUS, DE DINA
SALÚSTIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português e Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

CERRO LARGO

2020

Ficha

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Lunkes, Graziela Maiara

REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM FILHOS DE DEUS, DE DINA SALÚSTIO /
Graziela Maiara Lunkes. -- 2020.

36 f.

Orientador: Professor Doutor Demétrio Alves Paz

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -

Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em
Letras - Português e Espanhol, Cerro Largo, RS, 2020.

1. Conto. Dina Salústio. Feminismo. Literatura cabo-verdiana.
Mulheres.. I. Paz, Demétrio Alves, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GRAZIELA MAIARA LUNKES

REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM FILHOS DE DEUS, DE DINA
SALÚSTIO

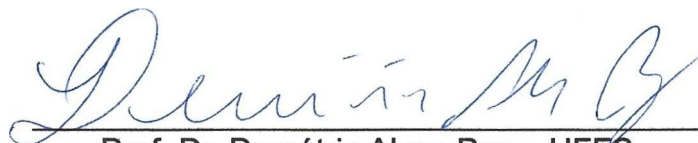
Trabalho de conclusão do curso de
graduação apresentado como requisito
para obtenção do grau de Licenciado em
Letras: Português e Espanhol da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca
em:

15/09/ 2020

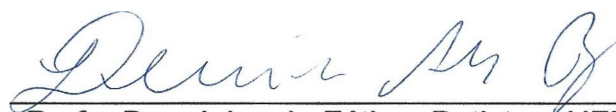
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Demétrio Alves Paz – UFFS

Prof. Dr. Demétrio Alves Paz — UF

(Presidente/Orientador)



Profa. Dra. Jeize de Fátima Batista— UFFS*

A handwritten signature in blue ink, reading "Pablo Lemos Berned", written in a cursive style. The signature is positioned above a solid horizontal line.

Prof. Dr. Pablo Lemos Berned - úFFS*

*Assinatura do(a) Presidente da banca representando os demais membros conforme OfícioCircular N^o 8/2020 - PROGRAD.

Dedico este trabalho à mulher que inspira todo meu trabalho, minha mãe Lizete, ao meu Pai, José Luiz, e ao meu irmão, Gabriel, por acreditarem na minha força e potencial e por não terem me deixado desanimar. Aos meus amigos pelo incentivo, força, alegria e pela amizade ao longo desse tempo. Ao meu orientador e à todas as mulheres que vieram e lutaram antes de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para o sucesso deste trabalho, em especial, à minha família, os quais me apoiaram, acreditaram na minha força e não me deixaram cair. Agradeço imensamente a todos meus amigos que estiveram ao meu lado nestes cinco anos de graduação, em especial ao Jéferson e à Luana, por todos os abraços, sorrisos, apoio e amizade. Agradeço a todos os meus professores que fizeram parte da minha caminhada acadêmica e escolar, cada um foi essencial para a minha formação como cidadã e profissional. Agradeço por poder estar em uma Universidade Pública e pela formação de qualidade que eu tive. Um agradecimento especial ao meu professor orientador, Demétrio Alves Paz, pela oportunidade de trabalhar com a pesquisa e a extensão, por construir comigo este trabalho, por, junto com a Literatura, ser inspiração em um momento difícil da minha vida e, principalmente, por acreditar que a vida das mulheres importa e de lutar junto para que sejamos ouvidas. Por fim e não menos importante, um agradecimento com carinho para mim, por nunca ter desistido, pela luta e por toda coragem. Obrigada a todos que fizeram parte desta história!

“Como podemos ser tão bonitos quando conseguimos ser nós próprios:
homens ou mulheres”.

Dina Salústio

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar sete contos da obra *Filhos de Deus* (2018), de Dina Salústio, escritora cabo-verdiana, e perceber de que forma a personagem feminina é construída, levando em conta a sociedade machista e violenta em que vive. Partindo do fato de que Dina Salústio é conhecida por denunciar as injustiças de gênero presentes na sociedade, ela apresenta um mosaico de perfis femininos sobre diversos temas, evidenciando a participação da mulher na construção e desenvolvimento de um país e a sua contribuição como sujeito produtor da história. O feminismo possui uma história cheia de lutas e conquistas, que podem ser percebidas nas três ondas do feminismo, enfrentando o patriarcado, buscando uma sociedade na qual todos os seres humanos sejam iguais. Assim, o principal objetivo do movimento é uma sociedade sem hierarquia de gênero, ou seja, onde o gênero não seja usado para legitimar a opressão ou conceder privilégios. Ao final da análise, é possível concluir que a ideia de que o homem é um ser superior ainda prevalece e é muito difundida, porém todas as mulheres conseguem se manter fortes, saem de um relacionamento abusivo, sustentam a família sozinhas, percebem seu valor e acreditam que a união entre elas é a melhor maneira de vencer obstáculos. Dessa forma, a mulher não aceita o destino que lhe foi imposto e luta com força e coragem pela sua liberdade.

Palavras-chave: Conto. Dina Salústio. Feminismo. Literatura cabo-verdiana. Mulheres.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar siete cuentos de *Filhos de Deus* (2018), de Dina Salústio, escritora caboverdiana, y percibir de qué modo el personaje femenino es construido, llevando en cuenta la sociedad machista y violenta en la que vive. Partiendo del hecho de que Dina Salústio es conocida por denunciar a las injusticias de género presentes en la sociedad, ella presenta un mosaico de perfiles femeninos sobre diversos temas, evidenciando a la participación de la mujer en la construcción y desarrollo de un país y su contribución como sujeto productor de la historia. El feminismo posee una historia llena de luchas y conquistas, que pueden ser percibidas en las tres olas del feminismo, enfrentando el patriarcado y luchando por una sociedad en la que todos los seres humanos sean iguales. Así, el principal objetivo del movimiento es lograr una sociedad sin jerarquía de género, o sea, donde el género no sea usado para legitimar opresión o conceder privilegios. Al final del análisis, es posible concluir que la idea de que el hombre es un ser superior aún prevalece y es muy difundida, sin embargo, las mujeres consiguen mantenerse fuertes, salen de una relación abusiva, mantienen a la familia solas, perciben su importancia y creen que la unión entre ellas es la mejor manera de vencer los obstáculos. De ese modo, la mujer no acepta el destino que le fue impuesto y lucha con fuerza y valor por su libertad.

Palabras clave: Cuento. Dina Salústio. Feminismo. Literatura cabo-verdiana. Mujeres.

Sumário

1 Introdução	8
2 Dina Salústio e a fortuna crítica	9
3 Feminismo em movimento: o poder da luta das mulheres	14
4 A luta para quebrar estereótipos – A representação da mulher em Dina Salústio	20
5 Considerações finais	31
6 Referências	33

1 Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar, nos contos de *Filhos de Deus* (2018), a forma com que a personagem feminina é construída, se ela é forte, abandonada, cuida da família sozinha, sofre ou sofreu algum tipo de violência e de que modo essa mulher encara a sociedade. Para isso, estudamos 7 (sete) narrativas: “Juntas Atrás do Sol”, “Tarde Molhada”, “Pedido de Casamento”, “Preço de uma vida”, “Filhos de Deus”, “Doces Vizinhas” e “Falsa fábula”.

A autora da obra *Filhos de Deus* (2018), Bernardina de Oliveira Salústio, mais conhecida como Dina Salústio, é cabo-verdiana, nascida na Ilha de Santo Antão, em 1941. Ela foi professora, assistente social e jornalista e escreveu o livro de contos *Mornas eram as noites* (1994), o romance *A louca de serrano* (1998), o ensaio *Violência contra as mulheres* (1999), *A estrelinha Tlim, Tlim* (1998), *O que os olhos não veem* (2002), *Filha do Vento* (2009), *Filhos de Deus* (2018) e *Veromar* (2019). Foi premiada pelos seus livros infantis e tem textos traduzidos para várias línguas. É sócia-fundadora das revistas *Mujer e Ponto & Vírgula*, membro do Conselho Coordenador da Associação dos Escritores Cabo-verdianos, Diretora da Rádio Educativa, dona de um programa de histórias infantis, técnica do Ministério dos Negócios Estrangeiros e colaboradora do Instituto da Condição Feminina.

Dina Salústio é conhecida por retratar e denunciar as injustiças de gêneros presentes na sociedade, principalmente em Cabo Verde. Para isso, ela escreve seus textos em torno de temas como liberdade, grito feminino, reflete e questiona o lugar da mulher, mostra a solidariedade entre elas, a forma como superam os obstáculos impostos pela sociedade patriarcal e a violência, tão presente na vida das mulheres.

Portanto, Dina Salústio inscreve a mulher cabo-verdiana como protagonista nas suas obras e, a partir dela e de seu cotidiano, retrata a importância e a participação feminina na construção e no desenvolvimento do país. Além disso, mostra as inúmeras histórias de mulheres e homenageia a heroína do cotidiano.

2 Dina Salústio e a fortuna crítica

Cabo Verde é uma ex-colônia portuguesa e tem como capital a cidade da Praia. Sua colonização iniciou no século XV, quando começaram as grandes navegações e o Arquipélago africano é vinculado aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e sofre com a problemática sahealiana do continente africano, ou seja, longos períodos de seca, problemas de desertificação e erosão.

É um país rural que sofre com a emigração da população em busca de melhores condições de vida. Segundo Santilli (2007), a dialética da comunidade consiste entre “ir/ficar, permanecer nas Ilhas ou emigrar”, isto é, permanecer em suas raízes ou a perspectiva de buscar oportunidades de trabalhos fora do arquipélago, fugindo da seca.

De acordo com Simone Caputo Gomes (2010), 60% da população de Cabo Verde é feminina, sendo 33,5% constituída por famílias chefiadas por mulheres. Entretanto, mesmo que o percentual feminino seja maior do que o masculino, “a situação de vantagem do homem em relação à mulher na sociedade crioula é patente, derivada das referências ideológicas e dos valores cultivados num passado histórico” (GOMES, 2010, p. 273). É importante destacar que a mulher tem papel fundamental em vários setores da sociedade cabo-verdiana, mas seu trabalho é pouco reconhecido. No que tange à conquista de espaço e reconhecimento, elas começaram a lutar para ter suas vozes ouvidas e, por meio da escrita, conseguiram uma maneira de trazer a público suas vozes, sua realidade, sua emancipação, cultura, sua luta e conquistas.

Gomes (2010) afirma que a evolução da condição feminina crioula acompanhou a trajetória de Cabo Verde. A mulher, em virtude de questões coloniais, era impedida de fazer outro trabalho além do doméstico, e ao

homem, cabiam as decisões do lar e educação dos filhos. Mais tarde, com a emigração em massa e com a ausência do homem, a mulher se viu obrigada a ser chefe, cuidar do lar e dos negócios do marido. Esses momentos da história resultaram na participação mais efetiva da figura feminina no espaço público. Devido ao bom desempenho nas tarefas assumidas, ela ultrapassou o papel de mulher-mãe, ocupando outros papéis.

Atualmente, já é possível encontrar, em Cabo Verde, mulheres trabalhando em cargos considerados masculinos e assumindo conquistas importantes nos campos social, político e jurídico. Porém, mesmo com as conquistas, há, ainda, diversas formas de limitações. Assim,

O labor doméstico não é incluído nas estatísticas nacionais como força de trabalho, assim como a agricultura doméstica não é contabilizada no PIB. A violência familiar é outro obstáculo e a persistência da prostituição, do turismo sexual e do tráfico de mulheres agrava o quadro da violência na sociedade cabo-verdiana, sendo a coação sexual muitas vezes praticada em casa, ocasionando um índice elevado de homicídios e ofensas corporais grave aos companheiros, praticados por mulheres constantemente espancadas. Maternidade precoce, aborto clandestino, filhos sem pai, alcoolismo e até loucura são algumas consequências cerceadoras da emancipação feminina abstraídas do contexto psicossocial que envolve a mulher crioula (GOMES, 2010, p. 277).

Gomes (2008) igualmente ressalta o importante papel da mulher na construção, nas lutas de libertação e na emancipação do país, uma vez que são elas as responsáveis pela transmissão de cultura e da educação das crianças. Por isso, sendo a Literatura o principal meio de “dar visibilidade e voz à historicidade das mulheres” (GOMES, 2010, p. 277), não pode estar desatenta às modificações históricas

Dessa forma, a pesquisa histórica feminista objetiva documentar e analisar os aspectos concretos da vida em sociedade, com a metodologia aberta para a construção das diferenças e exploração da diversidade de papéis. Assim, a partir dos temas que “contam as experiências das mulheres e que nos permitem reconhecer a origem de crenças e práticas sociais que as estigmatizam” (GOMES, 2010, p. 278), é possível perceber um mosaico de olhares femininos, sob diferentes perfis.

Dina Salústio apresenta um novo olhar sobre a sociedade cabo-verdiana, crítico e aguçado, através de textos breves que expressam a

complexidade da vida humana e da “necessidade de publicar as inúmeras histórias de mulheres” (GOMES, 2013, p. 1). O foco de seu trabalho é apresentar as diferentes figuras femininas e as inúmeras injustiças que elas sofrem, apresentando a força e a coragem com que elas enfrentam a sociedade patriarcal. Em uma entrevista concedida a Simone Caputo Gomes, em 1994, Salústio descreve a mulher representada em seus textos:

[...] mulheres cabo-verdianas que trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a esta mulher... (GOMES, 2010, p. 278)

A escritora das literaturas africanas de língua portuguesa de autoria feminina faz ver e sentir Cabo Verde através de seus textos e dos sentimentos abordados, como angústia, monotonia, isolamento, abandono, solidão, fragilidade, injustiça, alegria, dor e esperança. Além de Dina Salústio, é importante ressaltar outras escritoras que se preocupam constantemente em representar os problemas vivenciados pelas mulheres em Cabo Verde: Orlanda Amarílis e Fátima Bettencourt. Mesmo com todos os obstáculos, o silenciamento e a marginalização, as mulheres lutam contra o preestabelecido, escrevem as suas histórias, representam o mundo a partir de suas vivências e rompem as fronteiras. Dessa forma,

As mulheres escrevem para atuar na vida cultural, para transigir noções estéticas e históricas fixas. Escrevem para produzir atritos. As mulheres escrevem para refletir sobre o fazer poético, discutindo o processo de criação literária e seus desdobramentos. Para isso, rompem as fronteiras do lar, do mundo privado, e ocupam o espaço público, desnudam as interdições ao feminino, revelam preconceitos, propõem travessias entre a tradição e a modernidade (GUIMARÃES, 2014, p. 12).

Florentina Souza e Silva (2006) afirmam que “no mundo ocidental/ocidentalizado, à mulher cabe um espaço maior ou menor, de acordo com as especificidades regionais, mas delas têm sido afastadas atividades intelectuais mais prestigiadas” (SILVA, 2006, p. 340), ou seja, as mulheres são pouco consideradas como sujeitos que têm participação ativa na sociedade.

As mulheres estão inseridas em diversos contextos sociais, mas ainda são vistas apenas como objeto e inferiores ao homem, já que eles acabam usando sua força para estarem à frente, segundo Demétrio Alves Paz e

Mithiele Scarton (2018). Sobre o questionamento do lugar do feminino, o corpo como papel significativo, Florentina Souza e Silva (2006) afirma:

O corpo revela os caminhos trilhados, as mudanças vivenciadas, as escarificações dos tempos e do coração. Em razão das circunstâncias da ordem da cultura e natureza, a mulher vivencia significativas especificidades de mudanças no seu corpo. Sem defender ou reiterar tendências essencialistas, pode-se afirmar que, às mulheres, é dada a possibilidade de ver/sentir com mais ênfase as imposições da natureza. Imposições sobre as quais várias tradições culturais têm construído mitos, nem sempre de grande produtividade para as mulheres como sujeitos sociais. Não obstante, a essas mesmas mulheres tem sido, na maior parte das tradições, negado o direito de decidir sobre o que fazer com os seus corpos. (SILVA, 2006, p. 339)

Assim, as mulheres têm, constantemente, seus corpos medidos pelo valor de uso, são silenciadas na tentativa de decidir o que fazer com seus corpos e oprimidas pela força masculina. A partir dessas questões, Dina Salústio questiona o lugar do machismo e da mulher na sociedade, apresentando os obstáculos enfrentados pelas mulheres e a necessidade de uma cumplicidade entre elas, possibilitando a conscientização compartilhada. Simone Caputo Gomes (2010) destaca o papel da literatura de autoria feminina em Cabo Verde, de modo que

As escritoras colocam em ação, em seus textos, a mulher cabo-verdiana, seja como protagonista, coadjuvante ou figurante de destaque, documentando a historicidade da participação feminina na construção e no desenvolvimento do país. [...] As autoras pintam verdadeiros retratos do cotidiano crioulo sob uma ótica feminina, objetivando destacar com maior concretude traços comuns e identitários. Encontram uma maneira de ler e escrever Cabo Verde e as “vidas vividas” por mulheres que constroem a nação (GOMES, 2010, p. 284).

Dina Salústio é capaz de apresentar mulheres machucadas e suas vidas, ambientando-as em Cabo verde, mas expandindo ao sofrimento do mundo, tendo em vista que a inferiorização da mulher e a violência contra ela acontece em todos os países. Em sua obra *Filhos de Deus* (2018), Dina Salústio apresenta um mosaico de mulheres, sua vida e cotidiano e a esperança de uma vida diferente. Segundo Demétrio Alves Paz (2018, p. 145), nos contos há

[...] Mulheres que foram abandonadas pelo marido e filhos que cresceram sem o pai; narrativas de violência doméstica em que largar tudo e ser independente parece ser a única solução; contos em que aparecem as diferenças sociais entre homens e mulheres; falta de escolaridade, subempregos, liberdade sexual. Nos contos ocorre uma

grande síntese da sociedade cabo-verdiana, pois aparecem mulheres dos diferentes estratos sociais. E, em todos eles, as mulheres são fortes e quebram as amarras da sociedade patriarcal (PAZ, 2018, p. 145).

Filhos de Deus (2018) é formado por trinta e cinco textos, chamados pela autora de contos e monólogos, com quatro temas principais: a condição feminina, o arquipélago, a insularidade e os textos teórico-críticos, de acordo com Paz (2018). Do total, dezenove são sobre a temática feminina. Na obra em questão, Dina Salústio representa uma sociedade que é movida pela força e pela luta das mulheres, mas que ainda a ignora e a vê apenas como objeto, sem perceber a sua importante participação no desenvolvimento do país e como sujeito produtor da história.

3 Feminismo em movimento: o poder da luta das mulheres

Vivemos em uma sociedade em que muitos admitem a inferiorização da mulher e a violência pela qual ela passa, mas quando a palavra feminismo é citada, ela causa uma certa antipatia. A causa dessa situação, segundo Garcia (2015), é o desconhecimento do movimento e de todas as suas realizações.

Ao longo de sua história, acreditava-se que o feminismo era um movimento que deveria ser combatido e foi alvo de campanhas que faziam a população acreditar que ele era um inimigo. Isso porque não era levado em conta que, segundo o contexto, existiram diferentes tipos de femininos e, principalmente, o movimento não era conhecido e o que se ouvia falar sobre ele era nas campanhas estimulando seu fim.

De acordo com a época e a realidade de cada país, existiram vários tipos de feminismo, mas todos tinham umnexo em comum: “lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos” (GARCIA, 2018, p. 12). O vocábulo *feminismo* foi utilizado pela primeira vez em 1911, nos Estados Unidos, quando escritores decidiram usar o termo no lugar de expressões como movimentos das mulheres e problemas das mulheres. No século XIX, o vocábulo significa um novo movimento na longa história das lutas pelos direitos e liberdade das mulheres.

O feminismo é um movimento social emancipatório, além de uma teoria política e prática social, de modo que seu “discurso, a reflexão e a prática feminista carregam também uma ética e uma forma de estar no mundo” (GARCIA, 2018, p. 13). Dessa forma, toda vez que as mulheres criticam o destino que o patriarcado impõe, reivindicando seus direitos, estamos diante de uma atitude feminista.

Um dos fatos mais importantes e sombrios na luta feminista foi a morte de 129 mulheres em Nova York na tecelagem Triangle Shirtwaist Factory. Dias antes do incêndio, elas haviam feito uma greve, liderada pelo Sindicato das Trabalhadoras dos EUA, pedindo melhores salários, diminuição da jornada de 12 para 10 horas e equidade salarial entre homens e mulheres. A greve não foi bem vista pelo dono da fábrica, que as trancou e ateou fogo no prédio com elas dentro. A história conta que os tecidos em que estavam trabalhando, na hora do incêndio, era lilás e a fumaça que saía da chaminé também era dessa cor. A data desse acontecimento foi o marco para a comemoração do Dia Internacional da Mulher em 8 de março.

Ao longo de sua história, o feminismo teve árduas lutas para a sua preservação, porque desde a antiguidade a mulher era considerada como naturalmente inferior ao homem. Esse pensamento permaneceu e no Renascimento, no século XVI, bispos e teólogos acreditavam que a mulher era destinada a obedecer ao homem e, por isso, não podia exercer profissões de poder. Entretanto, mesmo com as repressões, as mulheres continuam sua luta.

Christine de Pizan é considerada a primeira escritora profissional e seu livro mais conhecido é *A cidade das mulheres* (1405), no qual propõe a utopia de um espaço próprio para as mulheres e reivindica o primeiro direito: o reconhecimento da condição de sujeito, dignidade e valores humanos.

A história do feminismo é dividida em três ondas. A primeira é marcada pela obra do filósofo Poulin de la Barrea, *Sobre a igualdade entre os sexos*, publicada em 1673. O centro do debate do livro passa da comparação entre gêneros para uma reflexão sobre a igualdade, e inaugurou a reivindicação da educação feminina. Outro acontecimento importante são os movimentos de mulheres durante a Revolução Francesa, tendo participação em massa nas frentes de batalha e intelectualmente, geralmente por burguesas, nas sessões da Assembleia.

Dois obras marcaram a consciência feminista do século XVIII: a *Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs* (1791) e *Reivindicação dos Direitos das Mulheres* (1793). O primeiro livro foi escrito por Olympe de Gouges e “a intenção da declaração era conscientizá-las de todos seus direitos

que estavam sendo negados e pedir sua reintegração para que pudessem ser cidadãos para todos os efeitos” (GARCIA, 2015, p. 43). Para Olympe, a mulher nascia livre, igual ao homem e possuía os mesmos direitos, por isso deveria participar na formação das leis. Foi guilhotinada em 1793, por chamar Robespierre de tirano sanguinário e sua morte foi justificada, segundo Garcia (2015), por haver esquecido o comportamento que convém às mulheres e se intrometido nos assuntos da República.

A segunda obra, a *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, escrita por Mary Wollstonecraft, contém as bases do feminismo moderno e “nele advoga pelo igualitarismo entre homens e mulheres, a independência econômica e a necessidade da participação política e da representação parlamentar” (GARCIA, 2015, p. 46). Mary ainda inicia as discussões de dois conceitos fundamentais: gênero e discriminação positiva. Este é quando se decide que, naturalmente, as mulheres são mais fracas e inferiores que os homens e não “estabelece mecanismo de caráter social ou político para compensar sua suposta inferioridade natural” (GARCIA, 2015, p. 47). Aquele é tudo aquilo que é considerado natural nas mulheres, seu papel na sociedade, família, etc, é, na verdade, consequência de toda repressão e “aprendizagem social (GARCIA, 2015, p. 47). Ou seja, todo papel atribuído à mulher é fruto de padrões impostos pela sociedade.

A primeira onda termina com o Código Napoleônico, o qual ditava que as mulheres eram consideradas como filhas ou mães apenas em poder de seus pais, maridos ou filhos e fixou também que o adultério e o aborto eram delitos. Em resumo, o Código fixava que nenhuma mulher era dona de si.

A segunda onda, no século XIX, foi marcada por movimentos sociais emancipatórios. Dessa forma, o feminismo apareceu pela primeira vez como um grupo que buscava tanto o igualitarismo entre os sexos quanto a emancipação jurídica e econômica da mulher. Segundo Garcia (2015), nos Estados Unidos, as mulheres estavam se organizando para abolir a escravidão. Duas delegadas tiveram importância nessa luta: Lucretia Mott, fundadora da primeira sociedade feminista contra a escravidão, e Elizabeth Stanton, redatora da *Declaração de Seneca Falls* ou *Declaração dos Sentimentos* (1848), texto

fundador do movimento sufragista estadunidense, tendo como objetivo os direitos ao voto e à educação.

Sojourner Truth se uniu ao sufragismo, proferindo, em 1851, um discurso na Convenção de Akron em que expôs os problemas das mulheres negras, alvo de duas exclusões: sexo e cor. Harriet Taylor e seu marido John Stuart Mill fundaram as bases do sufragismo e escreveram juntos *A sujeição da Mulher* (1869), no qual discutem o casamento, mudanças na lei do matrimônio, o divórcio, a necessidade da educação e o direito ao trabalho para as mulheres.

Outras mulheres que tiveram destaque durante a segunda onda foram Alexandra Kollontai, defendendo o amor livre, remuneração igual para as mulheres, legalização do aborto, e Emma Goldman, partidária da revolução das mulheres para a conquista da liberdade. O voto feminino já era realidade depois da Primeira Guerra Mundial. O final da segunda onda culmina com as declarações de o feminismo estar morto e de as feministas terem destruído a nação e a família.

A terceira onda é marcada pela obra *O segundo sexo* (1949), de Simone de Beauvoir. Nela, a autora discute a teoria de que a mulher é considerada a outra em relação ao homem, mas sem supor reciprocidade entre eles. Por exemplo:

Se para um povo, os outros são os estrangeiros, para estes estrangeiros, outros são os que lhe chamam assim. Ou seja, o sentimento de alteridade é recíproco. Com a mulher não ocorre isso. O homem em nenhum caso é o outro, ao contrário, ele é o centro, a medida e a autoridade – esta ideia será a que o feminismo chamará de androcentrismo: o homem como medida de todas as coisas (GARCIA, 2015, p. 81).

Dessa forma, todos os indivíduos e grupos são obrigados a reconhecer a reciprocidade entre eles, porém entre os sexos isso não se aplica, pois o masculino se impôs como único e essencial, apagando toda relação de alteridade. Portanto, a mulher é considerada o outro em relação ao homem, mas o masculino não aceita uma relação de equidade, considerando-se único e, dessa forma, o feminino é visto como seu submisso. Assim, “as mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse *para si* em

face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens” BEAUVOIR, 1980, p. 90).

A mística feminina (1963), de Bety Friedan, tentou decifrar a opressão que se havia imposto às mulheres e analisou o mal-estar e descontentamento feminino. Entre os vários tipos de feminismo, estão o liberal, o qual definiu a exclusão da vida pública como o problema principal das mulheres e reivindicou a inclusão delas no mercado de trabalho; o radical com três contribuições importantes: os protestos públicos, grupos de autoconsciência e criação de centros alternativos de ajuda e autoajuda. As radicais defendiam a ideia de que nenhuma mulher era melhor que a outra. O feminismo dos anos 80 se detém na diversidade entre as mulheres. Garcia (2015) apresenta outros tipos de feminismos contemporâneos, dentre eles destacamos: da diferença, cultural, essencialista e institucional.

O feminismo da diferença reivindicava que o que as mulheres fazem, sendo igual ou não o que fazem os homens, pode ser significativo e, por isso, merece ser valorizado. Criou o conceito de sororidade, isto é, o conceito de irmandade que se refere à cumplicidade entre as mulheres e à união entre elas, deixando de lado as desavenças, pois todas estão em busca de um bem comum: lutar para garantir o reconhecimento e valorização na sociedade. E, defendem que a lei do homem não é neutra, assim, resolver a situação das mulheres através dela é absurda, pois a cultura patriarcal ainda é muito forte e as leis servem aos homens.

O feminismo cultural tem como objetivo adquirir a autonomia cultural para alcançar a resistência, com base em valores de não violência, não competição, capazes de transformar a sociedade em geral. O feminismo essencialista exaltava o feminino e repudiava o masculino e tinha como ideia central “viver em um mundo de mulheres para mulheres” (GARCIA, 2015, p. 101). Sua visão principal era de que ser lesbiana era a única alternativa de não contaminação.

O feminismo institucional não aceitava mudanças radicais e teve uma mudança lenta e difícil, pois desenvolveu sua história excluída do poder.

Durante o assentamento do feminismo institucional, mulheres declaradas feministas ocuparam postos importantes em partidos políticos.

Outro passo decisivo para o feminismo foi identificar e nomear a violência dentro da família. De acordo com Garcia (2015), nos anos 70 já se havia reconhecido os maus tratos e a violência contra a mulher, passando o Estado a perceber isso como um problema social. Na mesma linha, foram desmascarados os discursos contra o feminismo e a população, aos poucos, foi e está tomando consciência de que é impossível considerar o ponto de vista masculino como universal. Dessa forma, Garcia (2015) conceitua feminismo como:

A tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. [...] O feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social (GARCIA, 2015, p. 13).

Sobre o objetivo do feminismo, Ribeiro (2018) afirma que “é uma sociedade sem hierarquia de gênero – o gênero não sendo usado utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão” (RIBEIRO, 2018, p. 44). E, feminista é “uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos” (CHIMAMANDA, 2015, p.49).

Por fim, é uma luta indispensável pela reivindicação dos direitos das mulheres, as que padecem sob injustiça, que têm seus corpos medidos pelo seu valor de uso, que vivem em um contexto de violência e discriminação e que são obrigadas a viver de acordo com as leis do patriarcado.

4 A luta para quebrar estereótipos – A representação da mulher em Dina Salústio

Lembramos que nosso objetivo geral é analisar sete contos da obra *Filhos de Deus*, de Dina Salústio, e perceber de que forma a personagem feminina é construída e como ela luta para quebrar os estereótipos. A omissão da sociedade frente às várias violências sofridas pelas mulheres é representada em “Juntas atrás do Sol”.

Depois de três anos separadas, amigas reúnem-se para um almoço, contam novidades e trocam confidências sobre suas vidas. Betty foi a única que permaneceu na cidade na qual nasceram, onde acontecia o almoço, e serviu de ponto de abrigo das amigas. Todas elas tinham decepções sobre seus casamentos para contar. Djena teve um casamento curto e percebe que o fim iniciou quando foram morar juntos:

As nossas manias tornaram-se defeitos, as vozes ficaram diferentes, ensurdecedoras umas vezes e silenciosamente sepulcrais outras, os olhares já não paravam encantados num dizer do outro... Até o espaço ficou curto. Na realidade, os nossos interesses já não eram interessantes e um dia tive a perfeita noção de como o meu lugar e os meus hábitos brilham quando estão sozinhos comigo ou eu com eles (SALÚSTIO, 2018, p. 36-37).

A separação foi sugerida por Djena e imediatamente aceita por seu marido com a revelação de que se sentia sufocado. Ela ajudou a arrumar a mala “que parecia, há muito, estar arrumada” (SALÚSTIO, 2018, p. 37). Seguindo a conversa, Eva também contou que seu marido havia pedido a separação por uma carta enviada pela amiga. Ela afirma que não ficou feliz com a separação, mas que assim foi melhor, porque não havia mais interesses em conjunto nem interesse no relacionamento.

Betty, que estava ansiosa pela conversa que iniciara, contou que seu namorado sempre deixou as despesas afetivas da relação para ela e nem com a chegada do filho isso mudou. As conversas continuaram sobre receitas, momentos alegres, medos e decepções. A única que não havia falado sobre seu casamento fora Maria. O seu foi o que mais tempo durou e era um tempo do qual ela não gostava de recordar. Nos anos de casada, ela não comparecia

aos almoços na casa de Betty e quando falava com as amigas pelo telefone era sempre correndo. Porém, agora, ela tinha dado o primeiro passo:

- A minha separação... Pouco para contar. Aliás, nada para dizer – o movimento da mão que percorria uma cicatriz que lhe marcava o braço tornou-se mais lento, como quem esfrega uma dor que já doeu mais. – O João tem três anos. Vou fazer tudo para que ele seja uma pessoa de bem e que não leve ninguém, homem ou mulher, a desejar-lhe mal – a voz procurava a modulação de anos atrás, talvez um pouco mais de firmeza (SALÚSTIO, 2018, p. 38-39).

As amigas, com vergonha, tentaram mostrar que além da leveza de suas narrativas, haviam outras histórias, que sofreram, provocaram ou assistiram, muitas escondendo cenas tão graves como a cicatriz da amiga. Agora entendiam o porquê das conversas em parcelas, os risos vazios e as omissões.

Djena, aflita com a revelação e com vontade de abraçar a amiga e pedir perdão por sua futilidade, mudou o rumo da conversa. A sala, contudo, ficou sufocante e Betty abriu uma janela, assim “As outras mulheres levantaram-se e, juntas, saíram atrás do sol” (SALÚSTIO, 2018, p. 39).

O relato emocionante de Maria nos remete aos inúmeros casos de violência doméstica que ocorrem em nossa sociedade e que passam despercebidos aos olhos de todos. Na maioria das vezes, há omissão de pessoas próximas, as quais ainda acreditam que não pode haver intromissão na vida de um casal. Maria é uma das poucas mulheres que consegue sair de uma relação abusiva, sendo um exemplo de força e coragem. Mesmo com a dificuldade da violência, ela lutou e foi contra as amarras da sociedade em se calar diante de situações de violência.

Djena também é um grande exemplo de força. No momento em que ela percebe que a própria companhia lhe faz melhor do que a do marido, ela se separa. É uma das mulheres que aprendeu que existe vida sem um homem ao lado e as suas aspirações devem ser prioridade. Toda a luta feminista é para que a coragem de Maria e o amor próprio de Djena tenham eco.

A cumplicidade entre as mulheres também pode ser percebida em “Tarde molhada”. Neste conto, a narradora relata uma parte da sua tarde e a espera pelo ônibus. Ela não diz o seu nome e conta que normalmente gosta de falar com conhecidos e desconhecidos, com qualquer pessoa que podia trazer

alguma novidade. Neste dia em especial, porém, ela estava com tantas preocupações que não conseguia nem mesmo cumprimentar.

Era uma tarde de chuva e, para a narradora, as chuvas só tinham impacto nela quando imaginava campos e rios secos. Ela sentou-se em um banco à espera do ônibus com mais duas mulheres. Uma delas estava grávida e falava ao telefone, mas de um jeito calmo e não aos gritos como muitos fazem. Não se deteve na moça grávida pelo fato de não querer conviver nessa tarde. A outra senhora sentada ao seu lado era elegante e havia feito três chamadas, mas todas sem resposta.

A mulher elegante perguntou se o ônibus para o centro passava naquele ponto, a narradora respondeu que passava, mas fazendo horários aleatórios. No mesmo momento, a mulher discou um número e o silêncio continuou. Como se estivessem numa conversa antiga, a senhora começou seu desabafo contando que seu marido estava disponível para todos, mas para ela não fazia nem um esforço. Ela conta que ele está sempre ao telefone com gargalhadas, bem humorado, mas com ela só fala para pedir alguma coisa, que não encosta nela. Então, ela chega à conclusão de que já devia ter se divorciado.

A narradora mesmo cansada e sem vontade de se sensibilizar, aconselhou a desconhecida a pensar um pouco em si, a valorizar-se e a não ligar para ele:

- Se não se divorciou até agora é porque não está verdadeiramente incomodada com a situação. Mas olhe! Você já disse que vai ao centro comercial, não? Vá, chame uma amiga para lanche. Melhor. Embrulhe-se em si mesma, aconchegue-se no seu corpo, nos seus braços, na sua alma, nesse casaco elegante que traz, convide-se para um lanche gostoso consigo mesma e esqueça esse telefone. Não ligue mais para ele, não seja insistente. Valorize-se. Experimente gostar de si pelo que você é e não se ponha à espera de cumprimentos. Ninguém tem a obrigação de amar ninguém, assim como ninguém tem o direito de nos humilhar (SALÚSTIO, 2018, p. 81).

Ela continua falando que ele nunca vai ter saudades, mas que vai atender o telefone pensando que é algo importante. O ônibus chegou e a narradora foi para o fundo onde havia apenas um lugar, desencorajando a mulher elegante a sentar-se perto dela.

Pelos conselhos dados a outra mulher, a narradora possivelmente, está passando por uma situação parecida e que estava enfrentando um dia difícil. Porém, nem por isso ela deixou de falar algo que pudesse ajudar a outra mulher, a encorajá-la a se respeitar e a buscar a sua felicidade e aconchego, coisas que seu marido não estava lhe dando. Percebe-se a cumplicidade entre as mulheres neste momento, mesmo uma não estando com vontade de falar, ao ouvir o relato da desconhecida, encoraja-a a buscar a felicidade dentro de si.

Em “Pedido de casamento”, ocorre uma festa com pratos típicos da ilha. No sábado, aconteceria a festa da matança do porco, dia destinado para que o Bento pedisse outra mulher em casamento. Uma amiga insistiu para que ela fosse, porque tinha ajudado a criar o animal. Ela, porém, lembrou que era humilhante, já que havia sido noiva de Bento durante dois anos.

Estavam no aeroporto, que estava cheio de emigrantes que vinham para as festas de Junho, quando passou uma “moça enorme, com uns dentes lindos, acabada de chegar, tinha todos os olhares sobre si, e ela gostava e queria mais” (SALÚSTIO, 2018, p. 114). Quando a moça passou por eles, a noiva sentiu Bento apertar-lhe o braço e a olhar para a outra mulher.

Lela, um amigo que estava com os noivos, comentou sobre a beleza da mulher e disse que ela deixava pedaços que se colavam a eles. Bento continuou: “...Sim... pedaços. Talvez perfume, talvez olhares... requebros... bocas... risos... esse casaquinho... Ele delirava a esmagava-me o braço” (SALÚSTIO, 2018, p. 115). Naquele momento, ela sentiu lágrimas caírem na alma.

Naquela noite, Bento não apareceu e, no dia seguinte, chegou com olheiras e aspecto de farra. Sua desculpa foi a de ter passado a noite no hospital com sua tia. Ela sempre a pensar o pior dos homens, desconfiou da história. Depois disso, Bento enviou um recado pelo amigo Lela terminando o noivado e nunca mais apareceu. Agora, exatos vinte e três dias depois, ela ficou sabendo que Bento iria pedir a outra em casamento durante a festa da matança do porco, promovida a cerimônia de noivado. Ela disse à amiga

Fernanda que não iria. Entretanto, no sábado mudou de ideia, colocou seu vestido leve que rodava na dança e foi.

A festa era alegre, com muita música e com cheiro de friginato e catchupa guisada (comidas típicas da África). Horas mais tarde, Bento foi para o meio do local, pediu silêncio e no mesmo instante, “a bonitona que deixava pedaços atrás tirou-lhe o microfone” (SALÚSTIO, 2018, p. 116). A mulher agradecia a gentileza de todos e avisava que suas férias tinham acabado, por isso, iria embora na mesma tarde. A leveza da vingança pairava sobre a ex noiva que, agora, tinha planos de seguir sua vida em outro lugar: “Bento, abandonado, seguia-me com os olhos, vendo-me a rir para uma sombra que se chamava vingança, a derreter-me com o friginato e fazendo planos de emigrar” (SALÚSTIO, 2018, p. 116).

Dina Salústio consegue retratar de forma simples um acontecimento muito comum, o homem abandona a noiva por uma aventura e logo que ela acaba, geralmente, tenta reatar, tendo em mente a ideia de que a mulher deve aceitar as suas escolhas e estar disponível para quando ele quiser. Porém, neste conto, a ex noiva não fica à espera de uma possível reconciliação, mas faz planos de continuar a sua vida longe dali. A mulher representada transmite força e superação, porque, mesmo traída e abandonada, ela não se deixa abater e mostra que não depende de Bento para que sua vida seja de sonhos realizados e feliz.

Uma situação parecida acontece em “Preço de uma Vida”, na qual Maria Ana, traída pela melhor amiga e pelo marido, encontra forças para ajudá-los em um problema de saúde. Altas horas da noite, Maria Ana passou pelo quintal e foi até o depósito, lugar onde guardava lenha e várias ferramentas. Faziam companhia a ela dois cães que não denunciaram a presença dela ali. Afinal, “se não for para esconder e proteger de que servem o escuro, o silêncio, os amigos e os cães?” (SALÚSTIO, 2018, p. 72).

Maria Ana acendeu sua lanterna e foi até os fundos do depósito, retirou um saco que estava encostado à parede e sentou-se ali. Tentou pensar nas alegrias da vida, mas não achou nenhuma que valesse a pena comemorar. Pensou de novo, sorriu e sentiu uma alegria estranha.

Durante muitas noites, não tinha sono. Acordava suando, frustrada e tudo isso pelo noivo que a havia abandonado para se casar com outra. Maria Ana sentia saudades e às vezes tinha ataques de pânico por viver sozinha. Estava pensando em adotar mais um cão, pois sentia-se protegida por eles: “Que mundo este em que um animal nos dá mais proteção do que um humano?” (SALÚSTIO, 2018, p. 73).

No depósito, destampou um buraco no fundo da parede e tirou uma caixa que continha suas economias. Estava guardando para uma emergência ou para umas férias, pois estava pensando em aceitar o convite da prima e ir para a ilha do Fogo, já que, há três anos, desde que chegara à vila para trabalhar e casar, nunca havia parado de trabalhar. Maria Ana tinha esperança de as pessoas serem diferentes na ilha do vulcão:

Os indivíduos teriam de ser diferentes dos da vila onde morava! Pessoas mais sérias e mais ousadas pelo menos deviam ser pelo convívio com algo tão magnífico e tão ameaçador. Se calhar seriam mais companheiros do que os outros, apesar da dureza. Como olhariam para os vizinhos? Como amigos ou companheiros no heroísmo? Seriam capazes de abandonar a mulher a mulher no dia do casamento? Devia ser fascinante levantar-se e dar de cara com o vulcão, o perigo. A partir desse momento o resto acabaria por parecer simples e fácil. Os quotidianos sem dramas, perante a tragédia em sono (SALÚSTIO, 2018, p. 73).

Voltou a esconder a caixa e pensou em depositar o dinheiro no final do mês, já que ninguém saberia onde guardava o lucro do seu trabalho. Continuou sentada, sentiu-se triste, com vontade de ver e abraçar alguém, porque era sempre ela que abraçava e nunca a que recebia os abraços. Sua maior vontade era ir até a ilha do Fogo, para sair do lugar em que estava, conhecer outras pessoas e poder contar uma outra história de sua vida. Maria Ana fechou o depósito e ouviu batidas à porta e pelo bater sabia quem era.

Era Pedro, seu ex noivo, pedindo dinheiro a Maria Ana, porque sua esposa estava com uma doença grave e precisava ir para um hospital grande. Maria Ana estava assustada com a quantia e frisou que estava sozinha, sem família para ajudar e lembrou a Pedro que foi para o sítio apenas para se casar com ele, sem nada nem ninguém que a ligasse ao lugar. Pedro continuou a insistir e enquanto falava, Maria Ana pensava em não dar o dinheiro e comprar coisas novas para ela:

- Quando for à cidade vou comprar uns vestidos bonitos – decidiu, enquanto Pedro falava da doença da esposa. Às vezes passava pelas montras e imaginava-se numa ou noutra peça e sentia-se mais bonita, mais elegante e mais feminina, mas recusava-se comprar, adiando o encontro com a beleza. Sobretudo queria esquecer o Pedro e não forçar o olhar dele sobre sua figura (SALÚSTIO, 2018, p. 75).

Para Maria Ana, a quantia não era alta, mas ela não queria gastar suas economias com o homem que a abandonou para se casar com sua melhor amiga, que estava doente. Porém, ela não era assim. Maria Ana havia entrado na casa da antiga amiga que ela mesma havia levado para a vila para ser a madrinha e passou para as mãos de Pedro o dinheiro pensando:

Como custava pouco a vida do amor do compadre Pedro!? Quanto custaria a vida de toda a família do antigo noivo? Porque ele havia de falar em dignidade, pensar em orgulho ferido e em medos, se a vida podia custar tão pouco? Porque uma traição havia de doer mais tempo do que se leva a ganhar cem mil escudos, o preço de uma esperança? – interrogava-se (SALÚSTIO, 2018, p. 76).

Ao sair da casa, ela estava decidida que no mês de maio iria para a ilha do Fogo. Maria Ana dá um exemplo de humanidade e força. Traída pelo noivo com sua melhor amiga e madrinha do casamento, ainda machucada pela traição, não nega o pedido de ajuda de Pedro. As economias, que havia guardado para comprar coisas novas para si e para viajar para um lugar no qual via esperança de uma nova vida, foram para ajudar quem mais havia lhe causado dor. A autora retrata de uma forma poderosa os diversos tipos de abandono que as mulheres sofrem. Entretanto, na maioria dos casos, são mulheres que conseguem ver seu valor, sua força e se reerguem.

O conto “Doces Vizinhas” representa a importância da cumplicidade entre elas. A história é narrada em terceira pessoa e conta sobre a vida das vizinhas “a”, “bê” e “cê”. Elas evitam chamar-se pelos nomes ou a saber de qualquer informação específica sobre a vida, para que não abra uma porta de intimidade, para que uma não precise entrar no mundo da outra, mas, mesmo assim, guardam um ar de proximidade, pertencendo a uma relação especial.

No Dia Internacional do Vizinho, além do cumprimento, elas mostram um largo sorriso. A vizinha “a” comenta com um amigo o tratamento distante a que a relação delas se impunha e argumenta que essa relação é típica dos grandes centros, das sociedades avançadas. Para ela, a relação poderia ser mais próxima:

- Estou a falar do meu prédio, não da cidade, não do mundo ou de uma civilização! Estou a falar de gente que compra pão na mesma padaria, vai à mesma loja de frutas, ao mesmo talho, à mesma capela! Não podíamos ser mias, como direi? Mais vizinhos? Eu não podia dia ser mais simpática? (SALÚSTIO, 2018, p. 23).

O amigo dissertou sobre alguns pontos e argumentou que “querer ajudar quando ninguém nada lhes pediu... – Querer ajudar é diminui o outro sabia?” (SALÚSTIO, 2018, p. 23). A vizinha do “a” lembrou ao amigo que, além delas lhe darem café, já haviam lhe pedido emprestado tantos materiais e ela já as havia ajudado em tantos assuntos.

Quando a vizinha do “a” pede meia xícara do café, a do “bê” e do “cê” refletem sobre a diabetes e, por um momento, a doença aproxima as mulheres que nunca tiveram um motivo para a convivência. A vizinha do “cê” estava lhe devendo açúcar pelas receitas para emagrecer tiradas da Internet.

A moradora do “a” fica confusa com o que as vizinhas devem pensar dela, mas mesmo assim, são elas que “garantem o meu equilíbrio em açúcar magro e ajudam-me na prevenção da diabetes” (SALÚSTIO, 2018, p. 24). Entretanto, mesmo sem terem uma relação próxima de amizade, as três mulheres sabem que podem se procurar na hora de pedir ajuda e que a cumplicidade entre elas, de emprestar café, açúcar, é o que as fazem pertencer a uma irmandade especial.

O conto remete ao conceito de sororidade, conceito empregado por Beauvoir (1980), à união entre as mulheres e à ideia de que juntas são mais fortes. As moradoras do “a”, “bê” e “cê” viviam sem nenhum homem ao lado, mas quando precisavam de algo ou até de uma conversa, podiam bater na porta da vizinha. As três mulheres não possuíam uma amizade, mas tinham laços de fraternidade, cumplicidade e empatia que podem gerar mudanças na sociedade.

Outro caso muito comum que acomete as mulheres de todas as sociedades, principalmente as mães, é o abandono parental. Mulheres que têm de trabalhar para sustentar sozinhas os filhos. É o que acontece em “Filhos de Deus”, no qual Nha Teodora tem de trabalhar para sustentar os filhos sozinha, pois foi abandonada pelo pai deles.

A história é narrada por uma menina, a qual conta que não estava indo à escola, pois estava doente e, uma das empregadas, a deixava na casa de Nha Teodora. Além disso, ela conta que as outras empregadas não tinham tanta intimidade com a costureira para deixar a menina ali, arrumando a caixa de costura.

Nha Teodora não tinha sossego e estava sempre trabalhando nas máquinas e nas costuras. Um dia, além da costura, ela resolveu fazer marmelo para vender, para ganhar um dinheiro extra. E, nas vezes que não conseguia deixar os vestidos dos clientes prontos a tempo, passava noites em claro trabalhando, pois não poderia perder clientes.

Anos mais tarde, as empregadas continuavam levando a menina junto nas compras e, num dia, ela resolveu perguntar a Nha Teodora sobre o pai dos seus filhos. A costureira respondeu, então, que o pai dos seus meninos era Deus. As empregadas haviam comentado, depois da insistência da menina, que Deus não tem filhos largados pelo mundo e o que Nha Teodora havia contado não era verdade.

A menina havia decidido que Deus podia sim ter filhos e que Nha Teodora não era como as outras mulheres, “era especial. Vivia de dia e de noite. Não se sabia a que horas ela ia dormir, sempre agarrada à máquina e até era capaz de estar três dias a cortar e a coser vestidos, sem se deitar” (SALÚSTIO, 2018, p. 30).

Em uma noite, a menina sentia a máquina de Nha Teodora numa velocidade louca. Na manhã seguinte, ela soube que a costureira havia falecido e ficou preocupada com seus filhos. Afinal, o pai nunca havia facilitado a vida deles:

Ingrato que nunca facilitou a vida e a obrigou a trabalhar dia e noite para não perder os clientes e o sustento dos filhos dele, levando-a a arranjar esquemas para dar conta dos compromissos que não conseguia cumprir, a desafiar os prazos, uma inverdade aqui, uma promessa que não o era, mas não deixava de o ser ali, um desafio às próprias forças. Ainda na véspera do seu falecimento ela tinha trabalhado até de madrugada para fazer a entrega de manhã cedo. Eu era testemunha. Que pai aquele? Que pai aquele que esquecia os filhos e não poupava a mulher? (SALÚSTIO, 2018, p. 31-32).

Nha Teodora, mesmo com as dificuldades da vida, filhos para sustentar, sozinha e com muito trabalho, não se deixou abater, trabalhou até quando pôde para dar o sustento aos seus meninos. Enquanto isso, o pai deles vivia longe, sem preocupar-se com suas obrigações para com eles. Diferentemente do que a sociedade valoriza, Nha Teodora é um dos muitos exemplos de mulheres fortes, de mulheres que venceram as amarras da sociedade e que demonstraram que podem muito mais do que lhes é permitido.

O conto possui algumas semelhanças com “Falsa Fábula” no que diz respeito ao abandono pelo pai. Neste, a figura paternal é super valorizada pela mãe, mesmo com anos de abandono, ela fica à espera da volta dele nas ceias de Natal. É dia de Natal, mas a filha não tinha vontade de falar em festa. Essa situação acontece desde seus cinco anos de idade, tudo porque “os olhos e as mãos dela não param quietos entre a porta e o mundo nas noites de Natal. Porque será que ela espera?” (SALÚSTIO, 2018, p. 42).

Mas, ela sabe por quem ela espera. É pelo seu pai. E, na hora da ceia, como se nada tivesse acontecido, sua mãe brinda ao natal e conta as mesmas histórias de todos os anos. Entretanto, não são bem as mesmas histórias, porque ela sempre acrescenta alguns detalhes que abrilhantam o pai. Todavia, nessas narrativas a mãe nunca é, nem que por alguns segundos, a heroína, deixando essa função para o pai e para e dos cuidados que ele tinha antes de as abandonar:

Interessante é que ela nunca é a heroína nesses contos. Insiste em não aparecer ou quando o faz é apenas de passagem, para introduzir algo, e eu deixo. Então ela irá contar dos cuidados que tu tinhas comigo, de como me levavas ao parque, à praia e à escolinha e vai falar-me da tua generosidade e do teu bom humor. E na onda do branqueamento da tua imagem prosseguindo, ela dirá dos teus medos, da tua insegurança e do desapego, de laços que não aprendeste e do sentido da responsabilidade que não te passaram (SALÚSTIO, 2018, p. 42).

A filha ainda reforça que nos dezessete anos em que ele foi embora, a mãe nunca o culpou nem o chamou de “infame, covarde ou cretino” (SALÚSTIO, 2018, p. 42). Entretanto, a menina explica que entende o alheamento da mãe pela partida do marido, porque não é a história dela que foi

traída, mas, mesmo assim, não lhe interessa a história de amor deles, mas sim a história da filha que foi abandonada pelo pai:

Importa-me é a minha história, e também o amor que não me deste, o meu sustento que falhaste, os abraços que me roubaste. Interessa-me a figura de pai que enxovalhaste e só eu sei do vazio que ficou o teu lugar. O meu cão de peluche tentou substituir-te. Pobrezinho, fez o que pode (SALÚSTIO, 2018, p. 43).

As histórias inventadas pela mãe já não eram mais ouvidas pela filha, porque, segundo ela, se fosse uma história em que ele fosse bandido, ainda teria graça, mas assim, “como meio humano, meio herói, meio homem, meio pai, dá dó” (SALÚSTIO, 2018, p. 43). A narradora ainda enfatiza que a sua vida não teve metades, toda sua vida foi dura e triste e teve tão pouco de tudo, “tão poucas falas, tão poucas histórias, tão poucos abraços! Tão pouco pai!” (SALÚSTIO, 2018, p. 43). Na véspera de sua partida, a filha o ouvia falar de sua liberdade, justificando sua ida:

- É a minha liberdade – ouvi-te gritar na véspera da tua fuga. E a minha liberdade onde está, pai? Que fizeste dela nesses anos em que te finges de morto? Como teria sido o meu natal se estivesse cá? Os meus natais? Nunca pensaste em mim? Deixaste-me uma menina. Ainda sou uma menina à espera dos mimos e da proteção a que tenho direito. Quem mos dará se o meu pai mos recusou? (SALÚSTIO, 2018, p. 43).

A filha conclui que a sua mãe não é infeliz, o natal é que traz esse sentimento de melancolia e ela decidiu pôr um ponto final na farsa.

O conto retrata o olhar da sociedade perante uma situação de abandono paternal. A mãe justifica o abandono do marido pelo fato dele não ter aprendido o sentido de responsabilidade. O homem continua sendo o herói da história, enquanto que a mulher, a pessoa que ficou e trabalhou para sustentar a si e a filha, é deixada de lado. Mas a errada não é a mulher em valorizar o homem, e sim a sociedade que faz ela acreditar que ela não pode ser a heroína, que ela não deve ser valorizada por sua força e coragem e que deve dar o crédito de todo seu esforço ao homem, mesmo fazendo tudo sozinha.

Dina Salústio e ressalta os sentimentos de “monotonia, angústia, isolamento, clausura, abandono, solidão, fragilidade, dor, frustração, raiva, injustiça, espera, esperança, evasão (partidas e regressos), alegria, recusa [...]”

(GOMES, 2008, p. 227), e em seus textos, nos faz ver e sentir Cabo Verde através de suas palavras.

5 Considerações finais

Cabo Verde é um arquipélago formado por dez ilhas e 60% da sua população é feminina, ocupando cargos que são considerados masculinos e as estatísticas comprovam o alto índice de violência contra a mulher, seja ela física ou psicológica.

À mulher está relegado o papel de ser o outro em relação ao homem, tanto que durante o Renascimento, bispos e teólogos afirmavam que ela era naturalmente inferior ao homem e que seu único destino era obedecer-lhe, por isso não poderia ocupar cargos de poder.

Entretanto, através das três ondas do feminismo, é possível perceber que a mulher não aceitou o destino que lhe foi imposto pela sociedade e lutou em diversas frentes e movimentos por sua liberdade. Nos dias atuais, a luta ainda não acabou, mas já conseguimos significativas vitórias no movimento de convencer a sociedade em geral, de que o fato de ser mulher não nos impede de reivindicar direitos, ocupar cargos e viver livremente.

Portanto, o feminismo nos é importante para que as mulheres percebam que seu destino não é obedecer a um homem e que, de nenhuma forma, o seu dever é ser inferior a ele. Partindo do ponto de vista que ele é um movimento emancipador e que luta pela igualdade de direitos entre e mulheres, é essencial que lutemos juntos para que mais mulheres reconheçam seu valor e conquistem tudo a que tenham direito. O feminismo é uma luta de igualdades, de valorização e de amor ao próximo.

Ao apresentar mulheres machucadas, homens maltratados, crianças espancadas, famílias desfeitas, violência doméstica, estupro, abandono, padrões impostos pela sociedade machista e patriarcal, Dina Salústio viaja até o mais obscuro do corpo social para denunciar o que há de mais podre, para pensar em uma transformação e para nos solidarizarmos com o outro.

Em “Juntas atrás do sol”, as mulheres representadas sofreram violência física e psicológica, mas conseguiram lutar por sua autonomia e superar os desafios impostos pela sociedade. Já em “Preço de uma vida”, “Tarde molhada” e “Pedido de casamento”, as mulheres passaram por traição e foram abandonadas, entretanto, aprenderam que podem viver sozinhas e mais felizes do que se estivessem ao lado de um homem que não lhes dá a merecida atenção.

Nas histórias narradas em “Filhos de Deus” e “Falsa Fábula” as mulheres, juntamente com seus filhos, foram abandonadas pelo marido e pai e tiveram de trabalhar, como puderam, para sustentar os filhos. Estes contos fazem refletir sobre o papel de pai que a sociedade impõe e sobre o pai que esquece os filhos. Por fim, o conto “Doces vizinhas” reflete sobre a cumplicidade entre as mulheres e de como essa relação é importante. As mulheres representadas nos contos sofreram diversas violências, mas apesar de tudo, mostraram sua força e coragem para enfrentar a sociedade.

A partir dos contos analisados, é possível concluir que a ideia universal de que o homem é o ser superior, ainda prevalece e é reforçada pela sociedade e muitas vezes, pelas mulheres, porque é uma ideia enraizada fortemente, de forma que os dominados acreditem que essa é uma situação normal. As mulheres retratadas sofreram algum tipo de violência, foram abandonadas pelo companheiro, tiveram de trabalhar duro para sustentar a si e aos seus filhos e que tiveram de suportar a dor de serem abandonadas.

Todavia, nas narrativas aqui analisadas vemos mulheres fortes, guerreiras, que descobriram sua força através as dificuldades, que conseguiram sair de um relacionamento ao perceberem que sua própria companhia era melhor do que a do marido, que trabalharam dia e noite para que os filhos não passassem por dificuldades, que conseguiram sair de uma relação abusiva, que passaram por traição, abandono, que perceberam a

importância da cumplicidade entre elas, que venceram as amarras da sociedade e que nunca desistiram de lutar. São figuras femininas que remetem à força, dignidade, superação, luta e, principalmente, à luta para vencer os desafios que lhes foram impostos.

6 Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**; tradução Christian Baum. - 1ªed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- CHIMAMANDA Adichie: **O perigo de uma única história**. Vídeo disponível em [geledes.org.br](https://www.geledes.org.br)
<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>. 2010.
- GARCIA, Carla Cristina. **BREVE HISTÓRIA DO FEMINISMO**. São Paulo: Claridade, 2015.
- GOMES, S. C. . O arquipélago literopintado: escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 93-103, 2º sem. 2010.
- GOMES, S. C. **Literatura e trajetória social das mulheres em Cabo-Verde: a escritura de autoria feminina ou um outro olhar sobre o arquipélago**. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 2013.
- GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: literatura em chão de cultura** – Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.
- GUIMARÃES, Rauquel Beatriz. **Escrita de mulheres: cotidiano, força e rebeldia**. SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 9-18, 2º sem. 2014.
- PAZ, Demétrio Alves. **Filhos de Deus ou Cabo Verde revelado pelas vozes femininas de Dina Salústio**. Conexão Letras, Porto Alegre, v. 13, n. 20, p. 145-148, jul-dez. 2018.

PAZ, Demétrio Alves; SCARTON, Mithiele da Silva. **A condição feminina em Mornas eram as noites, de Dina Salústio**. Práxis, Novo Hamburgo, V.15, n. 2, p. 133-145, jul-dez. 2018.

RIBEIRO, Djamila, **Quem tem medo do feminismo negro?**. - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SALÚSTIO, Dina. **Filhos de Deus**. Cabo Verde: Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2018.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Literaturas de Língua Portuguesa: MARCOS E MARCAS – Cabo Verde: Ilhas do Atlântico em prosa e verso**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

SILVA, Florentina Souza e. Vozes femininas do Atlântico negro. IN: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Marcas da Diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda. 2006. P. 339 a 340.